Ano XXI — Agosto de 1965 — N.º 244

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista · Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 ❁ Comp. e Imp.: TIPOGRAFIA VIEIRA — R. de Belém, 15 e 17 — LISBOA-3

Desarmamento

EM Genebra, junto do formoso lago azul que convida à tranquilidade e à meditação, está uma vez mais reunida a Comissão do Desarmamento. O facto merece relevo porque terá sido o mais significativo acontecimento político dos últimos meses, sobretudo porque foi alcançado num momento em que aos observadores se afigurava difícil obter o desejado acordo para que os representantes das potências se encontrassem.

Estão reunidos delegados de 27 países, encontram-se infelizmente ausentes duas poderosas nações: A França, que se recusou a retomar os trabalhos, e a China, que da Comissão não faz parte. Os fautores da guerra, aqueles que procuram estorvar tudo que vise o congraçamento dos povos, apressar-se-ão a tirar conclusões desta ausência para reforçar vaticínios de falência da iniciativa, tentando ridicularizar os objectivos de um congresso que prossegue uma quimera, o desarmamento mundial, tanto mais que aquelas duas nações produzem já armas atómicas.

Contudo, ninguém acalenta ilusões. Sabemos que tarda o tempo *em que as nações* — no dizer de Isaías, o profeta — *converterão as suas espadas em relhas de arados e as suas lanças em podadeiras*, mas isso não diminui o valor e interesse de uma reunião de tão alto nível em que se discutem e estudam problemas vitais à Humanidade. Aqueles que aproveitam todas as ocasiões para fomentar atritos e *aquecer* a guerra fria, sentem-se incomodados quando pressentem uma ténue viabilidade dos governantes se entenderem, com prejuízo dos seus interesses ligados à produção de material bélico. Sabem que embora o desarmamento absoluto seja uma utopia, esta conferência poderá alcançar acordos parcelares que visem o desanuviamento das relações internacionais e travem a infeliz corrida aos armamentos. Lembramos, por exemplo, que em anteriores negociações foi firmado um acordo mediante o qual as maiores potências atómicas se comprometeram a não repetir os ensaios nucleares na atmosfera, tão perigosos para a vida na Terra. Tenta-se agora conseguir outro acordo que interdite as experiências subterrâneas, em que muitos julgam ver a origem dos sismos que se têm repetido em diferentes pontos do globo.

De qualquer forma, a útil troca de pontos de vista entre estadistas, o facto de se encontrarem e possìvelmente compreenderem, o reconhecimento implícito da imperiosa necessidade do desarmamento e da loucura da guerra, constitui já um princípio de *desarmamento* moral, que importa saudar com entusiasmo.

É lamentável reconhceer-se que a actividade das forças do mal supera grandemente a acção das formas morais e espirituais, que deviam trabalhar afincadamente pela paz e pela felicidade dos povos. Enquanto aquelas forças sub-repticiamente buscam por todos os meios estimular o espírito bélico e animar conflitos, armando misteriosamente todos os braços dispostos à luta, as forças do bem limitam-se a uma atitude passiva, suportam todas as intrigas, permitem que a propaganda da guerra inquine todas as mentes. Por toda a parte se sente esta influência. A literatura, a arte, o cinema, a imprensa estão impregnados de sugestões bélicas. As forças espirituais deveriam opor-se a esta acção deletéria.

O Escotismo, pelos seus objectivos educativos, pelo seu carácter apolítico e ainda pelas excelentes relações com todos os organismos religiosos e sociais, estaria em condições vantajosas de fazer apelo a

Continua na página 4

Posto de Observação

UM GRITO DE ALARME

Valerá a pena ?

Esta interrogação, que alguns de nós já têm feito a propósito da situação actual do nosso movimento, ganha agora maior relevo ao ser proferida por um Dirigente de inegável dedicação e mérito, a quem temos de reconhecer um temperamento excepcionalmente calmo e contemporizador, e merece que se lhe dedique um pouco de reflexão.

Será que chegámos ao ponto em que já desesperam os mais calmos ?

A circular recentemente dirigida aos Chefes dos Grupos pelo Chefe-Geral Adjunto e D. C. C. em Portugal, Eng.º Nobre Santos, a propósito dos Cursos para Chefes e Guias que recentemente realizou, mais do que um lamento sincero de quem vê a inutilidade desesperante de todo o seu esforço e dedicação, é um expressivo documento da incompetência e do desinteresse que grassam nas fileiras da A. E. P..

Referindo-se à diminuta frequência dos Cursos, lamenta aquele Dirigente que «nem sempre os Chefes compreenderam e corresponderam a essa vontade de ajudar a elevar o nível do nosso Escotismo», *parecendo desejar encontrar explicação para toda esta apatia nas respostas que possa vir a obter a algumas perguntas como* «quer isto dizer que estamos a actuar por mau caminho? que não há escoteiros? que os Chefes não transmitem as notícias aos escoteiros e não os fazem interessar? será que os Chefes têm receio de que os seus rapazes vejam um Escotismo diferente e melhor do que aquele que praticam no seu Grupo ? será que isso traduz uma grande apatia e falta de vida e de trabalho do Grupo com base na falta de Chefes mais competentes ?»

À primeira interrogação, satisfará a ideia de que os Cursos em causa nada têm de inédito em relação aos similares que se realizam em todo o Mundo com o melhor aproveitamento que se possa imaginar.

Quanto à segunda, lembra-me re-

CONTINUA NA PÁGINA 4

A AMIZADE

(...) Um segundo postulado da amizade é o cultivo de interesses comuns. Subentende-se que tais interesses sejam de carácter puro e elevado. Mas dentro desta categoria há uma infinidade de interesses que tendem a criar uma atmosfera propícia à formação e ao cultivo de amizades. Podiam mencionar-se os jogos recreativos, as caminhadas e excursões campestres, um entusiasmo mútuo pelas artes ou letras.

Muito mais eficaz, todavia, para criar uma amizade a toda a prova, é a consagração por parte de duas ou mais pessoas a uma causa comum. Porque há que reconhecer que a amizade é como a felicidade: Alcança-se não quando se pensa nela como um fim supremo, mas sim colaborando em algum objectivo totalmente alheio ao interesse egoísta.

Não há amizade comparável à daqueles que levam uma vida abnegada, dedicados inteiramente à propagação de ideias que crêem de valor transcendental para o bem estar humano, ou a daqueles cujas vidas se fundem em algum esforço altruísta destinado a melhorar a vida dos seus semelhantes. Se estes chegarem acaso a sofrer pelos seus ideais, a sua amizade se purifica mais ainda. O vendaval ùnicamente conseguirá que os verdadeiros amigos deitem raízes mais fundas, que se entrelaçarão no solo do amor eterno.

Quando sintas, leitor, fastio pelo prazer e asco pela deslealdade de amigos que não o eram, quando a alma chore a sua condição solitária e tenha ânsias de amor e amizade, procura uma causa nobre com que te possas vincular. Achando-a e dedicando-te a ela, encontrarás na senda do serviço altruísta a tão ansiada amizade.

JOHN. A. MACKAY

In «El Sentido de la Vida»

«SEMPRE PRONTO»

Por motivo de férias e como tem acontecido em anos anteriores, *Sempre Pronto* não será publicado no próximo mês de Setembro. Em Outubro, publicaremos um número duplo respeitante aos dois meses.

IMPRENSA ESCOTEIRA

«Die Welt der Pfadfinder»

Este importante jornal escoteiro alemão, representado em Portugal pelo nosso amigo sr. Wolf Karl, publicou no seu número de 2 de Junho passado uma página inteiramente dedicada ao Escotismo Português, ilustrada com gravuras do rali de carros feitos pelos escoteiros e promovido pelo C. N. E.

SERVIÇOS CENTRAIS

ESCOLA DE CHEFES

II Curso preliminar da Insígnia de Madeira

A Chefia Ceral vai promover o 2.º curso preliminar da Insígnia de Madeira, dedicado aos chefes e caminheiros do núcleo de Lisboa.

Este curso decorrerá em 4 acampamentos de fim de semana, realizando-se o primeiro em 4/5 de Setembro e os seguintes em Outubro e Novembro, em datas a fixar.

Neste curso, tomarão parte alguns antigos escoteiros, interessados em voltar a colaborar com o Escotismo activo, numa manifestação de apreço pela obra esforçadamente levada a cabo pela Escola de Chefes.

4.º Curso de Explanação para Chefes

Terminou em Junho p. p. o 4.º Curso de Explanação para Chefes, especialmente dedicado à revisão das novas provas de classe.

Foi pena que, de entre os actuais Chefes de Grupo e de Tribo, poucos se dispusessem a frequentar aquele curso, pois ali muito teriam que aprender para benefício da preparação dos seus escoteiros.

Foram concedidos certificados de presença e aproveitamento a João Fernando de Almeida, José Cristiano Cortês, Manuel dos Santos Moreira, João Constantino, Idílio Custódio Gonçalves, Jorge Martins Calaz, Herlânder Santos Costa e José Relvas Pereira.

Curso de Guias de Patrulha

Terminou igualmente o Curso de Guias de Patrulha, promovido pelo Centro de Formação e Treino da Chefia-Geral, que se realizou no Campo-Escola da Caparica.

O curso decorreu em competição entre as patrulhas dos «pica-paus» e dos «cucos» que, durante quatro acampamentos, travaram renhida competição para disputa do «Colar da Pinha», que coube aos «pica-paus» nos três primeiros acampamentos e aos «cucos» na última actividade.

Individualmente, os escoteiros que obtiveram melhor pontuação foram;

Carlos Ferreira — Grupo 94 162 pontos;—Alvaro Gama — Grupo 14, 161 pontos; — Rui Campos Grupo 94, 153 pontos;—Carlos Firmino — Grupo 94, 144 pontos.

M. G.

O VIII JAMBORI DO AR realiza-se em Outubro próximo

Conforme já anunciámos, é já no próximo mês de Outubro, desde as 0 horas e 1 minuto do dia 16 até às 23 horas e 59 minutos do dia 17 (Tempo Médio de Greenwich) que se realiza o VIII Jambori do Ar, ou seja o encontro de escoteiros de todo o mundo através da Rádio.

Esta interessante actividade está despertando, de ano para ano, cada vez maior entusiasmo. É de esperar que este ano ainda sejam melhores os resultados a obter, tanto mais que o movimento das Guias também dará a sua valiosa participação, dado que o VIII Jambori é dedicado, desta vez, ao Ano de Cooperação Internacional das Nações Unidas.

Os escoteiros portugueses, que tiveram curiosa interferência no Jambori do último ano, vão com certeza aproveitar a oportunidade para alargarem o âmbito da sua comparticipação.

Para tomar parte nesta actividade, devem os grupos de escoteiros entrar em contacto, com a maior antecedência, com os rádio-amadores das proximidades, a fim de prepararem os seus planos. Segundo sugestão da Secretaria Internacional do Escotismo, deve procurar-se que membros de outras organizações de juventude colaborem com os escoteiros neste grande jogo escotista.

Com este Jambori de Ar, pretende-se fazer com que os escoteiros comuniquem com seus camaradas, quer de uma cidade vizinha, quer de um país estrangeiro e tomem, assim, conhecimento das suas actividades, projectos e das suas famílias.

Deve ser atentamente respeitado tudo o que regulamenta a utilização dos postos.

Para participar, deve-se emitir, em qualquer frequência permitida, a chamada oficial: CQ JAMBOREE, ou responder a outra estação que esteja lançando este apelo.

A Secretaria Internacional mais uma vez estará no ar durante todo o período das 48 horas por intermédio da sua estação de Otava (Canadá), cujo indicativo é VE3WSB e trabalhará em três ou possìvelmente quatro frequências simultâneamente.

Os amadores de onda curta podem participar elaborando uma lista de todas as estações ao serviço dos escoteiros que tiverem escutado.

A Secretaria Internacional fornecerá certificados de participação a todos os grupos que lhe remetam um relatório circunstanciado desta actividade até o dia 1 de Dezembro próximo.

Conforme as condições permitam, os postos que participam no Jambori usarão as seguintes frequências:

Banda dos 10 metros — 28,490 e 28,510 kcs.; banda dos 15 metros — 21.195 e 21,350 kcs.; banda dos 20 metros — 14,310 e 14,510 kcs. (SSB) 14,020 (CW): banda dos 40 metros — 7,190 e 7,290 kcs. (SSB) 7,020 (CW); banda dos 80 metros — 3,790 e 3,805 kcs. (SSB) 3,510 (CW).

A operação será normalmente feita em 20, 40 e 80 metros. Sugere-se que as frequências CW sejam usadas por todas as estações para estabelecer contacto inicial.

A Direcção da A. E. P. está interessada em obter das autoridades oficiais todas as facilidades para que o Jambori do Ar tenha em Portugal a mesma divulgação que noutros países.

Este número de *Sempre Pronto* foi visado pela Comissão de Censura

Concurso "VALORES HUMANOS"

FIGURA N.º 6



Este filósofo nasceu na Macedónia em 384 a. C.

Tendo vindo para Atenas, ainda muito novo, a fim de continuar os estudos, foi discípulo de outra célebre figura da Antigaidade: Platão.

Crê-se que a sua educação foi orientada no sentido de se formar em Medicina, como era tradição na família. No entanto, cedo demonstrou uma notável aptidão para todas as ciências, desde a física à astronomia, biologia, história natural e ainda lhe mereceram profundo estudo e atenção a política, a literatura, a psicologia, a história, a retórica, etc.

Quando Platão morreu, este célebre filósofo abandonou Atenas por não lhe ter sido dado o lugar da presidência da Academia daquela cidade.

Depois de viver em diversas cidades, foi mais tarde o preceptor de Alexandre, o *Grande*, o famoso rei da Macedónia.

Mais tarde, voltou a Atenas, onde abriu uma célebre escola que denominou o *Liceu*, por se encontrar nas proximidades do templo Apolo Liceio.

O dinheiro que ganhara na Macedónia permite-lhe reunir um avultado número de discípulos, que foram chamados os *Peripatéticos*, porque tinham o costume de estudar, passeando num local desconhecido por *Peripatos* (Passeio).

Os seus livros, que tratam de todas as ciências estudadas nesse tempo, só na Idade Média conseguiram uma ampla divulgação, motivo por que, nessa altura, o pensamento filosófico na Europa foi profundamente influenciado pela doutrina do grande sábio.

Morto Alexandre da Macedónia, este filósofo abandonou Atenas, porque nesta cidade começou a desenvolver-se uma forte corrente anti-macedónica, e refugiou-se na Eubeia, onde, contudo, veio a falecer nesse mesmo ano: 322 a. C.

ATENÇÃO: A resposta a esta nótula pode ser-nos remetida até final do próximo mês de Outubro.

SER ESCOTEIRO É SER CRISTÃO

Sempre que, pela graça de Deus, surge um número de «Sempre Pronto», o signatário encontra motivos para exclamar: Ser escoteiro é ser cristão.

Sim, amigos que nos acompanhais, se atenderdes no artigo, A Fidelidade — Capital de Alto Valor, *inserto no número de Julho de 1965, não vos ficarão dúvidas sobre a afirmação que serve de título às presentes linhas. Estas mais não visam que contribuir para a união das criaturas, sem distinções de qualquer espécie, estando convencidos que outra coisa não visou o autor de tão belo artigo.*

Fixamos o seguinte: O cumprimento do dever é a verdadeira renúncia ao comodismo. Jesus Cristo, quando convidava os discípulos para a obra da evangelização, punha-os de sobreaviso: «Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me». *Poderia alguém, que não seja cristão, destacar princípios salutares da doutrina do Mestre como o que fica, para escrever artigos de tão grande alcance social?*

Duvidamos, e por isso sentimos que cada português não seja um escoteiro segundo os princípios de B.-P., que reconhecia que, do facto do chefe conferir ao guia de patrulha ampla autoridade, muito se podia esperar dele.

Sim, da autoridade que se dispense aos que por bem formados procuram servir a humanidade, muito se pode esperar no sentido de serem atenuados os males que a afligem.

Joaquim de Sousa Piscarreta

"GRALHAS"

O último número do nosso jornal apareceu com bastantes «gralhas» por deficiência de revisão, do que pedimos muita desculpa aos nossos estimados leitores. Especialmente a página n.º 5, que foi impressa sem ter sido submetida à revisão dos nossos serviços, trouxe por esse motivo inúmeros erros, alguns dos quais desagradáveis. O conto «Parentescos», do nosso saudoso colaborador Manuel Ferreira, foi especialmente prejudicado. Inconcebìvelmente por duas vezes foi escrito o verbo «ouvir» com h, *mercieiro* por merceeiro, a par de outros erros menos graves.

Uma vez mais apresentamos as nossas desculpas.

Novo Chefe Nacional Adjunto do Corpo Nacional de Escutas

Foi recentemente investido nas altas funções de Chefe Nacional Adjunto do C. N. E. o sr. comandante Daniel Rocheta, capitão-de-fragata, oficial distinto da nossa armada e antigo escoteiro daquela associação, com uma folha de serviços brilhante no Movimento.

Além das actividades em que assìduamente tomou parte como escuta activo, o sr. comandante Rocheta participou no Jambori de 1929, na Inglaterra, em que também tomaram parte diversos escoteiros da A. E. P..

O novo Chefe Nacional Adjunto passará a presidir efectivamente à Junta Central do C. N. E., dada a circunstância de, tanto o sr. eng.º Paulo de Lencastre como o sr. dr. José Francisco dos Santos, elementos dedicados e sabedores daquela associação, se encontrarem afastados de Lisboa em virtude dos seus deveres profissionais.

Sempre Pronto apresenta cumprimentos ao novo Chefe Nacional, desejando-lhe os maiores êxitos na sua acção escoteira.



VIDAS PERDIDAS

Se é certo que a morte dos mais velhos sublima em nós um sentimento de profunda saudade, a morte das crianças e, em especial, da juventude entristece-nos pelo que representa de perda irremediável para a humanidade. Quantas vocações e quantos génios, talvez, perdidos? Quantos sonhos interrompidos abruptamente! É que cada jovem que tomba leva consigo um projecto, uma aspiração, que desejava ardentemente realizar.

.....

Sonhai, meus amigos, sonhai e lançai-vos na preciosa tarefa de realizar o vosso sonho. Não consintais que futilidades vos afastem do caminho do Ideal. A Pátria necessita do nosso esforço e da nossa consagração e aqueles que corrompem o seu corpo e a sua alma em locais de moralidade duvidosa, transmitirão à posteridade sòmente as suas taras físicas, morais e espirituais.

.....

Sempre Pronto poderá, com justiça, considerar-se um dos maiores obreiros da ressurreição do Escotismo entre nós.

Jacinto dos Reis Moniz Silva

Desarmamento

Conclusão da página 1

uma mobilização das forças espirituais para uma acção intensiva a favor do *desarmamento* moral. Todas as igrejas — permitindo que este termo abranja as religiões não cristãs, numa atitude de boa vontade já tomada pelo próprio Vaticano — os movimentos educativos da mocidade, a Cruz Vermelha, o Rotário, as organizações filantrópicas, os Bombeiros, o Exército de Salvação, os organismos da ONU, seriam chamados a trabalhar intensivamente nesta cruzada. Não se promoveriam congressos nem manifestações, procurar-se-ia antes exercer uma salutar acção que banisse da vida social tudo que sugerisse espírito bélico e animosidade entre nações. Procurar-se-ia fazer compreender que todos os povos aspiram a uma vida pacífica e progressiva, e que a guerra, se nunca solucionou os problemas do homem, hoje é ainda maior brutalidade, porque não conduzirá apenas ao sofrimento mas levará a Humanidade à completa destruição. E' preciso que se afirme que na guerra não há glória, mas apenas a manifestação dos mais baixos instintos da animalidade humana.

O amor pátrio estaria no centro desta Causa, mas um amor pátrio que afirma o maior respeito pelas outras pátrias, numa dimensão que abarca a Humanidade. Da educação seria banido todo o incentivo à guerra; desapareceriam os brinquedos bélicos, seria repelido o encómio das glórias guerreiras; da literatura, da arte, do cinema, da rádio, seriam proscritas as sugestões marciais. A guerra é uma terrível doença do homem, que carece de tratamento rigoroso. Colocaríamos ao serviço desta acção, intensamente educativa, o lar, a escola, o púlpito, a imprensa. Não haveria proibições legais, seriam os adeptos de todas as religiões, os membros de todos os movimentos educativos e filantrópicos quem denunciaria estímulos e a contendas a atritos entre os povos. Será o nosso possível leitor e nós próprios quem de hoje para o futuro se eximirá a todas as sugestões bélicas e procurará constantemente fomentar sentimentos de concórdia e animar com o seu apoio e entusiasmo tudo que for feito a favor da paz. Esta será uma grandiosa tarefa.

O interesse do Homem não pode consentir que as forças do mal actuem indefinidamente para incendiar o mundo perante a nossa indiferença. E' preciso que a paz tenha defensores mais acérrimos ainda do que aqueles que trabalham pela guerra. Precisamos de que o mundo desarme espiritualmente e só depois *o lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto aos cabritos; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará.*

Posto de Observação

Conclusão da página 1

ferir aqui uma demonstração escotista realizada há alguns meses nos arredores de Lisboa em que me foi dado assistir ao entusiasmo de mais de meia centena de jovens pela actividade realizada, entusiasmo que, segundo creio, está a servir de base à renovação do Grupo local.

A resposta terá de se obter, portanto, nas restantes perguntas e a mim parece-me que para se obterem estas bastará retirar alguns pontos de interrogação.

«Oiço criticar muito os Serviços Centrais porque não fazem e não ajudam os Grupos, mas quando queremos ajudar e estendemos os nossos braços...», *é pena que, à semelhança de um pai cuidadoso, nem sempre esses braços terminem por dedos firmes que indiquem, sem tergiversações, o único caminho que se deve ser seguido, pois em muitos casos não chega* «usar uma linguagem correcta e amiga para com todos» *pois há quem não saiba compreender a linguagem da sinceridade e entre esses* «ainda há quem se sinta melindrado e invoque razões para torpedear o trabalho tão honesta e dedicadamente feito».

O grito de alarme que soou terá, estou certo, grande repercussão e irá acordar muitas consciências meio adormecidas, porque ele tem a honesta intenção de «insuflar nova vida e entusiasmo», *e o escotismo possui uma força intrínseca de lealdade, amor e fraternidade da qual muito se pode e deve esperar.*

Mas é tempo de olhar pela seara e saber separar o trigo do joio.

MARIANO GARCIA

FRATERNAL

5.° Acampamento dos «Antigos»

Mais uma vez se realiza este ano o acampamento de confraternização dos Antigos Escoteiros, o qual terá lugar no campo da A. E. P. na Costa da Caparica, nos dias 21 e 22 deste mês.

Este acampamento marcará o início das actividades da Secção de Campismo da Fraternal, recentemente criada, registando-se grande entusiasmo por parte de alguns antigos escoteiros que confirmaram já a sua presença, acompanhados de suas famílias.

O programa do acampamento está a ser elaborado, devendo constar do mesmo um «Fogo de Conselho», evocativo da passagem pelas fileiras escotistas, um almoço de confraternização e a «gincana dos ginjas».

Noticiário

Prosseguindo devotadamente na tarefa a que meteu ombros, a Direcção da Fraternal tem em vista a realização de diversas actividades tendentes à aproximação de todos os companheiros em evocativas manifestações de fraternidade e são companheirismo.

Visando um melhor êxito de todas essas actividades, a Direcção tem procurado chamar a si a colaboração amável de alguns companheiros, promovendo a criação de algumas secções associativas.

Dentro desta ordem de ideias, acabam de ser criadas a Secção de Campismo, da qual fazem parte os companheiros Luís António dos Santos, Eduardo Xavier e António Pinto, e a Secção Turística, constituída pelos companheiros Júlio Almeida Nogueira, Eugénio Ribeiro Nunes e Alfredo Jorge Gallis.

A Direcção está ainda empenhada em criar a Secção Cultural, tendo já entrado em contacto com alguns companheiros esperando obter a sua colaboração.

A Direcção vai ainda promover uma campanha de novos sócios e de aumento voluntário da quota, esperando a melhor colaboração de todos os «antigos». **M. G.**

SEMPRE PRONTO foi o jornal que manteve o fogo sagrado do Escotismo em períodos adversos que, felizmente, agora já passaram.

Dr. Francisco Cortês Pinto

O Grupo n.º 36 Diogo Cão, de Luanda, tem uma nova sede

A Carta de Angola, que publicamos noutro local, teve um atraso na nossa redacção. Entretanto, o nosso dedicado amigo e colaborador sr. António Augusto da Silva e Cunha sentiu-se de tal forma interessado no desenvolvimento daquela unidade dos Escoteiros de Portugal, que procurou solucionar o problema da sua sede, no que teve pleno êxito. O Grupo n.º 36, que tem mantido, através de todas as contingências, o facho do Escotismo na nossa província de Angola, tem já uma sede bastante acolhedora, que possibilita uma actividade mais regular e prestigia os Escoteiros de Portugal naquela cidade.

A nova sede, instalada num edifício público na Avenida Álvaro Ferreira, dispõe de duas boas divisões, tendo uma delas uma varanda para o jardim público.

Deve-se a concessão destas instalações à boa vontade encontrada nas autoridades oficiais, particularmente nos srs. Secretário Provincial da Educação e Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa, que dispensaram o melhor acolhimento às diligências feitas pelo nosso amigo sr. Silva e Cunha e tornaram possível a solução do problema daquele Grupo.

A notícia tem causado a maior satisfação em Luanda, onde há muitos antigos membros do Grupo 36, que teve em anos anteriores efectivos de centenas de escoteiros.

O sr. Silva e Cunha dirigiu já uma esclarecida exposição ao sr. Escoteiro-Chefe Geral e espera-se agora que a Direcção da A. E. P. tome as necessárias disposições para estimular o progresso daquela unidade e lhe dê o necessário reconhecimento, solucionando assim o problema da legalização dos Escoteiros de Portugal em terras de África.

Em Moçambique, particularmente em Lourenço Marques, também um forte núcleo de antigos escoteiros aguarda ansiosamente a solução deste problema para reavivar o nosso Escotismo naquela província, onde teve outrora notável desenvolvimento.

Sempre Pronto — jornal fiel à sua missão de aproveitar todas as oportunidades para tentar elevar o Escotismo Nacional.

PROF. A. ÁLVARO DÓRIA

Daqui Algarve!

Como estava previsto realizou-se em 22 e 23 de Maio, na mata, junto a Monte Gordo, o II Acampamento Experimental de Formação do Núcleo de Sotavento do Algarve, cuja organização coube ao Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António e que teve óptimo aproveitamento da parte dos escoteiros que nele intervieram, escolhidos entre os que melhores provas têm prestado nos quatro grupos algarvios.

Tal como fizemos em relação à primeira destas actividades, publicamos agora quatro das redacções apresentadas neste segundo acampamento, versando a 2.ª classe. Agradecemos aos leitores do «Sempre Pronto» o envio de um postal com o número do trabalho que merecer a sua preferência.

5

A segunda classe é a bem dizer o segundo passo que o escoteiro dá na grande senda escoteira. O escoteiro deve aprender tudo o que o caderno da 2.ª classe lhe ensina, porque muito do que hoje aprende far-lhe-á falta amanhã, quando for homem.

Para chegar à 2.ª classe, o escoteiro deve ter sido fiel cumpridor do Compromisso que tomou, ter boa conduta familiar, conhecer o significado da sua Lei, ter comprovado interesse pelo trabalho da sua Patrulha, saber instruir sobre as provas da 3.ª classe, ter conhecimentos sumários sobre a história do Escotismo em Portugal e no Mundo, ter lido o livro «Escotismo para Rapazes», do nosso grande Chefe Baden-Powell, conhecer a organização da nossa Associação, os distintivos dos vários cargos e os principais factos da História Pátria. Deve ainda saber o que é um «jamboree», reconhecer alguns tipos de aviões e barcos e marcas de automóveis, saber seguir uma pista utilizando os sinais aprendidos, conhecer as regras da higiene e as aplicações do seu lenço, saber como socorrer e transportar um ferido, saber orientar-se pela bússola e pelo relógio, conhecer pelo menos 6 árvores e o animal totem da sua Patrulha, conhecer 3 constelações, os principais nós e suas aplicações, os principais sinais de trânsito e os cuidados a ter, quer com o uniforme, quer com o equipamento individual ou colectivo, saber tratar de si, acender fogueiras com 2 fósforos e nelas cozinhar alimentos, transmitir e receber por meio de homógrafo e muitas outras coisas que tornam a vida ao ar livre uma brincadeira instrutiva e saudável e que fazem um escoteiro verdadeiramente «Sempre Pronto».

6

Considero as provas da 2.ª classe do novo regulamento mais completas que as do regulamento anterior, no sentido de um aperfeiçoamento escotista.

Na parte técnica, são de salientar os ensinamentos sobre orientação, primeiros socorros, pioneirismo, sinalagem, etc.. Na teórica, tão importante como a outra especialmente no lado moral, salientam-se os ensinamentos sobre conduta familiar e sobre o cumprimento das obrigações tanto morais como religiosas.

Não tenho ainda a 2.ª classe, mas tudo farei para a conseguir o mais breve possível, porque sei que com ela estarei melhor preparado para vencer os obstáculos que pela vida fora me esperam.

7

Após termos feito a 3.ª classe e passado a escoteiros, devemos procurar chegar o mais ràpidamente possível à 2.ª classe, para o que teremos de completar as provas que nos são exigidas, provas essas que nos ajudarão a ficar mais sempre prontos para vencer qualquer adversidade. Sentir-nos-emos orgulhosos sabendo fazer tudo o que a 2.ª classe ensina, tal como ser fiel cumpridor do Compromisso de Honra, ter interesse pelo trabalho da patrulha, saber ensinar provas da 3.ª classe, a história do Escotismo em Portugal e no Mundo, os primeiros socorros em caso de acidentes, a aplicação do lenço de escoteiro, improvisar uma maca para transporte de feridos, orientar-se pela bússola e pelo relógio, conhecer os 16 pontos principais da rosa dos ventos, etc..

Depois de conseguirmos a 2.ª classe, procuramos tirar insígnias de capacidade, que nos dão ainda mais conhecimentos e devemos então ir pensando na 1.ª classe, procurando ir sempre mais longe e fazer o melhor possível.

8

Sou um escoteiro que ainda não tem a 2.ª classe, mas está a tirá-la com todo o entusiasmo.

A 2.ª classe é o segundo passo que todos aqueles que se consideram escoteiros dão, para progredirem na grande empresa que é o Escotismo. Por isso, vou dizer em poucas palavras e de acordo com as novas regras da 2.ª classe, o que penso sobre ela:

— Sou fiel cumpridor do compromisso e na opinião da minha família tenho conduta razoável.

— Pratico a religião católica, pois é esse o gosto da minha família.

— Tenho mais de 8 meses de estágio como escoteiro, interesso-me pelos trabalhos da minha patrulha e tenho também muito gosto em instruir sobre provas da 3.ª classe.

— Possuo conhecimentos sobre o Escotismo, acerca do qual li vários livros, e sei o que é um «jamboree».

— Conheço os principais factos da História Pátria, sei o que é um Município e uma Junta de Freguesia e como é fundada uma família, bem como os deveres a ter para com ela.

— Gosto imenso do jogo do Kim, de seguir pistas e sei distinguir vários tipos de barcos, aviões e automóveis,

— Conheço as regras da higiene, sei tratar de pequenos acidentes, pensar e ligar uma ferida simples e improvisar e utilizar macas.

— Conheço os 16 pontos da rosa dos ventos, sei orientar-me pela bússola e construir um relógio de sol.

— Sei distinguir 6 árvores e conheço as suas utilidades, bem como a vida do animal totem da minha patrulha, e distingo 3 constelações.

— No que diz respeito a pioneirismo, tenho poucos conhecimentos, apesar de me interessar imenso pelos nós.

— Sou capaz de acender uma fogueira com 2 fósforos, sei cozinhar vários pratos e também montar uma tenda e os cuidados a ter com ela ao guardá-la. Sei ainda arrumar uma mochila e permaneci mais de 5 noites debaixo de tenda.

— Conheço os sinais de trânsito,

Segue na pág. 6

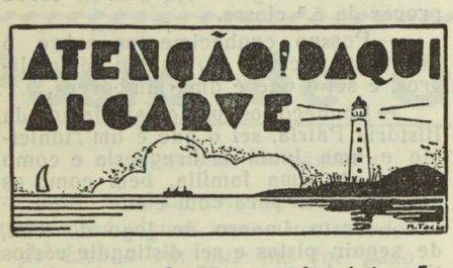
EXEMPLOS ESCOTEIROS

Novidade

Tal como aconteceu aos escoteiros, em Lisboa, quando apareceram em público, também num frígido Janeiro de 1797, John Hetherington, merceeiro inglês, saiu de sua casa, todo ufano, com um enorme chapéu na cabeça. Nunca, em Stran, se vira espectáculo mais curioso: risos, chufas, estalando continuamente, não conseguiram irritá-lo. Quando chegou ao estabelecimento, sempre acompanhado de uma turbamulta inquieta e galhofeira, o alarido redobrou de tal maneira que a polícia se viu obrigada a intervir. John Hetherington foi preso e, acusado de perturbar a ordem pública, teve de comparecer perante o tribunal. O merceeiro alegou, em sua defesa, que qualquer pessoa possuía o direito de cobrir a cabeça com chapéus pequenos ou gigantescos.

O Juiz absolveu-o. O público aplaudiu a sentença e o merceeiro. Os excêntricos e os janotas, em sinal de protesto contra o procedimento policial, passaram a usar chapéus altos. Pouco depois o rei e os lordes acharam objecto indispensável ao esmero da indumentária. O seu uso correu a Europa e espalhou-se por todos os continentes.

Tal como aconteceu em Lisboa há 50 anos, quando surgiram os primeiros escoteiros de calção e... chapéu de aba larga.



Seguimento da página 5

sei andar de bicicleta e tratar do meu vestuário e calçado.

Desculpem os camaradas se fui breve nesta redacção, mas espero dentro de pouco tempo poder dizer mais e melhor.

N. da R. — Repetimos o apelo que já fizemos no número anterior: que os nossos leitores enviem, para a nossa Redacção, um postal com a indicação do trabalho preferido publicado em cada edição do nosso jornal.

Este pequeno incómodo que pedimos aos nossos estimados leitores transformar-se-á num forte estímulo para os escoteiros do Algarve, que aguardam com entusiasmo a opinião acerca dos trabalhos que realizaram.

Têm a palavra em especial os antigos escoteiros e, entre estes, aqueles que pertenceram aos grupos do Algarve e que continuamente estão dando provas do seu espírito escoteiro.

O escoteiro é leal... como em outros tempos os fidalgos

Em 1541, quando estava para sair de Goa para o Estreito do mar Vermelho, uma armada numerosa, sob o comando de D. Estêvão da Gama, governador da Índia, dois dos fidalgos que deviam embarcar, fosse pelo que fosse, saíram ao campo desafiados. Foram eles D. Francisco de Meneses, da casa de Vila Real, e Rui Lourenço de Távora, das do Conde de S. João.

Pelejaram, em sítio onde eles sós foram testemunhas de si mesmos. Saíram feridos ambos. Correndo a casa de um e de outro, os parentes e amigos nunca puderam tirar de qualquer deles a notícia do sucesso. D. Francisco fechava-se, dizendo que o diria o senhor Rui Lourenço de Távora, e este que o diria o senhor D. Francisco de Meneses.

Comenta o antigo narrador deste episódio:

— Tais eram os fidalgos daqueles tempos e tão generosamente fiavam e confiavam uns nos outros os escrúpulos de honra e os primores de virtude.

Anos depois, estando Rui Lourenço no Paço de Lisboa, em presença das damas da rainha, e vendo que reparava muito nele uma filha de D. Jerónimo de Meneses, irmão de D. Francisco, acercou-se dela, e pondo um dedo sobre a cicatriz, que tinha no rosto, disse: — «Senhora que me olhais. Esta me deu o senhor D. Francisco, vosso tio, que é a maior honra que tenho».

Aqui se nota a lealdade e cavalheirismo, que devem ser também apanágio de todo o bom escoteiro.

O porquê do aperto de mão

O hábito de apertar a mão está tão vulgarizado que, provàvelmente, poucos se demoram a pensar no motivo por que o fazemos. Todos o escoteiros, no entanto, o sabem, mas voltamos às suas antecedências.

E' velho de muitos séculos semelhante hábito. Há centenas de anos, havia uma razão muito importante pela qual dois homens deviam agarrar a mão um do outro quando se encontravam. A mão direita era a mão da espada, e o aperto de mão evitava que qualquer deles pegasse disfarçadamente na espada e ferisse o outro. Com o andar do tempo, tornou-se geral o costume de estender a mão da espada, em sinal de amizade, e daí proveio o nosso actual aperto de mão, que aliás os escoteiros fazem com a mão esquerda, aquela que representa mais lealdade por estar mais perto do coração.

EUGÉNIO RIBEIRO NUNES



O Escotismo através do Mundo

● Jambori Nacional de Israel

De 9 a 13 deste mês, efectuou-se em Israel o Jambori Nacional.

Por este motivo, os Correios criaram um carimbo oficial, comemorativo deste acontecimento.

● VI Conferência dos Dirigentes das Divisões Caminheira e Cadete

No próximo ano, provàvelmente de 8 a 11 de Setembro, vai realizar-se esta importante conferência numa das cidades do norte da Itália, promovida pela Federação Italiana dos Guias e pela Federação Italiana dos Escoteiros.

O tema da conferência será escolhido de comum acordo com os representantes de quatro países europeus, segundo o procedimento já adoptado nas anteriores reuniões.

NOTÍCIAS DE ANGOLA

LUANDA

Encontra-se em reorganização o Grupo de Escoteiros Diogo Cão, de Luanda, após ter-se apresentado no mesmo o escoteiro Carlos Magno do Nascimento Pescada, que pertenceu ao Grupo n.º 6 de Olhão, o qual em colaboração com todos os elementos que se encontravam no referido grupo, se propôs elevar este o mais alto possível na vida do Escotismo Português.

Têm-se feito uma grande campanha a lembrar aos rapazes desta cidade, que o Grupo Diogo Cão se encontra aberto, dando assim possibilidades de poderem vir a pertencer à grande Família Escotista.

Este grupo tem actualmente três patrulhas de escoteiros e duas equipas de caminheiros e espera a todo o momento o reconhecimento pela Associação dos Escoteiros de Portugal, trabalhando para bem servir o escotismo.

O Grupo Diogo Cão agradece desde já qualquer colaboração que os grupos de escoteiros de qualquer ponto do país lhe queiram prestar, pois talvez uma simples troca de correspondência o auxiliasse a actualizar os seus métodos de trabalho.

Aqui fica portanto este apelo dirigido a todos os grupos.

● Encontra-se actualmente em Luanda o irmão-escoteiro Fernando António Godinho, do Grupo n.º 2 de Lisboa, o qual veio para Angola em defesa da Pátria. Para ele vão os nossos votos de felicidades e desejos de boa caça. — Pescada.

Conversando com os Chefes de Tribo

(Conclusão)

As reuniões de patrulha

Uma boa norma para a excelente marcha da Tribo é haver duas reuniões por semana: uma geral e uma para cada patrulha.

A reunião de patrulha deve fazer-se no intervalo que vai das reuniões do Conselho de Guias (C. G.) às reuniões gerais.

Desta maneira o guia ensina aos seus escoteiros as provas de classe e treina-os em topografia, pista, sinalagem e mensagens secretas, conforme tópicos, dados pelo chefe no C. G. anterior à reunião de patrulha, a que já nos referimos.

Além disto, pode treiná-los na matéria que o chefe lhe ensinou no C. G., porque há que prever estas coisas para a próxima reunião de Tribo.

Nas reuniões de patrulha tratam-se também todos os assuntos referentes à mesma, a que os livros de classe e o sistema de Patrulhas largamente se referem.

As reuniões de Tribo

Uma Tribo deve sòmente ter uma reunião geral por semana.

Isto para não sobrecarregar o rapaz e o chefe, que podem ter particularmente outras ocupações.

A reunião deve durar de hora e meia a duas horas e, nesta, incluir, conforme já se explicou, o Conselho de Guias, que durará meia hora, após o termo da reunião.

Quando o Conselho reunir, os escoteiros já deverão ter saído para suas casas.

Toda a actividade, quer no campo quer na sede, deve constituir surpresa para os escoteiros e guias, para que exista sempre expectativa e interesse.

Vejamos agora como elaborar a reunião de Tribo:

1.º — Cerimonial de abertura

Reunir as patrulhas em semicirculo, junto das bandeiras nacional e do grupo.

O chefe, o guia ou um escoteiro fará uma breve oração de louvor a Deus e lê uma pequena passagem bíblica, bastante elucidativa para os rapazes.

Seguidamente, o chefe manda fazer saudação às bandeiras e dirige recomendações para essa noite.

Não estando os preceitos religiosos nos hábitos do grupo, não deve deixar-se de fazer uma pequena leitura educativa.

2.º — Parte Prática

Executar uma série de jogos de competição em que os assuntos indicados no C. G. entrem em acção.

Deste modo, dentro duma determinada área, mandaríamos as patrulhas descobrir sinais de pista, anteriormente marcados; decifrar uma mensagem homográfica; fazer rodar uma mensagem secreta através dos escoteiros para estes decifrarem; fazer as patrulhas executarem a planta da sede.

Estes trabalhos ocuparão durante bastante tempo as patrulhas, provocando o entusiasmo dos rapazes.

Outras vezes, arranjam-se problemas para os escoteiros resolverem, como por exemplo: pedir a cada rapaz que traga uma lata de graxa vazia e dizer-lhes depois para fazerem delas uma aplicação qualquer, marcando pontos às melhores ideias.

As coisas mais disparatadas são muito bem aceites pelos rapazes, que resolvem quase sempre os problemas mais complexos.

Desta maneira lança-se no espírito do rapaz a iniciativa que tem que possuir para resolver os problemas da sua vida futura.

3.º — Pequena palestra elucidativa.

4.º — Final da reunião com cerimonial que constará da chamada dos escoteiros, recitação da lei e canto dos hinos Nacional e da A. E. P.

Esquematização dum Programa de Reunião

21,00 horas — Começo — cerimonial de abertura.

21,10 — Pequena reunião de patrulhas.

21,25 — Inspecção aos escoteiros.

21,30 — Jogos — (Fazer 2 ou 3 com carácter bastante rijo, não só para «aquecer», como para desenvolver os músculos).

21,55 — Treino geral de provas de classe. Exemplo: Homógrafo, Morse, Primeiros Socorros, Topografia, etc.

22,10 — Descanso. (Aproveite-se o descanso para ensaio de uma ou duas canções, «gritos» e para conselhos ou, então, para uma pequena palestra sobre o «Escotismo para Rapazes».

22,20 — Jogo ligeiro — animado e alegre.

22,30 — Final da reunião — cerimonial indicado anteriormente.

22,35 — Dispersar.

Nota — O programa pode variar consoante a actividade que se está fazendo e, assim, cortar ou acrescentar alguma coisa ou ainda prolongar a reunião por mais trinta minutos.

É importante não dar durante a reunião a mais pequena folga. Tem que haver sempre que fazer.

Se o chefe não pode fazer o trabalho sòzinho deverá ser coadjuvado por um ou dois ajudantes e tudo correrá no melhor caminho.

A. I.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

Com. David de Carvalho

Este distinto oficial da nossa Marinha de Guerra, nosso estimado assinante e antigo Escoteiro-Chefe Geral da Associação dos Escoteiros de Portugal, acaba de ser promovido ao posto de Comodoro.

Endereçamos-lhe as nossas felicitações.

Sempre Pronto manteve-se fiel ao ideal escotista seguindo um caminho recto e ascendente.

Enrique Genovés

A CAMINHO DE GOA

(em termos lacónicos)

O nosso Bartolomeu,
Dias e dias no mar
Desconhecido e perigoso,
Dobrou o Cabo a que deu
O nome de Tormentoso.

Depois, o rei D. João,
Segundo uma antiga história,
Em belos termos avança:
Mudou esse nome então
Pra Cabo da Boa Esperança.

E o formidável D. Vasco,
Da gama de tantas lendas
Grande lição arrancava,
Fendendo o duro penhasco
Que o caminho lhe barrava.

Amputando-te, Damão,
Da mão que te abençoava,
O inimigo te cindiu, Diu,
Só porque te cobiçava...

Essa lembrança magoa, Goa!

E. M.

Fundamentos DO MÉTODO ESCOTISTA

Tradução do sr. Eng. José Marin Nobre Santos, do folheto «Fundamentals of the Scout Method»

(Conclusão)

O Escotismo no Mundo

Embora não tivesse sido planeado como um sistema universal de treino dos rapazes, o Escotismo contém um conjunto de ideias e métodos que B.-P. interligou de maneira que provaram ter uma validade e possibibidades de aplicação muito maior do que ele nunca havia imaginado no início.

País após país, verificou que o Escotismo faz apelo aos rapazes como nenhum outro sistema de treino o fez, desde que seja convenientemente aplicado — e só assim ele é Escotismo. Assim, foi forjado um outro vínculo de união entre os povos, assim o saibamos aproveitar convenientemente, para melhoria da amizade e compreensão entre os homens do mundo inteiro.

Há, por certo inevitáveis ajustamentos de pormenor e de organização para adaptar o movimento às condições nacionais de cada país, mas o Escotismo pode ser reconhecido como um artigo genuíno se tiver as características principais atrás verificadas e que agora se resumem:

1 — Execução livre e voluntária duma Promessa e Lei orientadora da conduta;

2 — Um programa de actividades progressivas e atractivas ao ar livre, principalmente no campo;

3 — Utilização dum sistema de insígnias para atrair o Escoteiro ao progresso;

4 — Aplicação do Sistema de Patrulhas como base do treino e desenvolvimento do carácter.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Número 244

AGOSTO de 1965

Carta de Angola

O ESCOTISMO EM LUANDA

O nosso estimado amigo e colaborador sr. António Augusto da Silva e Cunha, recentemente chegado a Angola, envia-nos de Luanda a seguinte carta:

Não posso dizer que o meu primeiro pensamento ao pisar terras de Angola tenha sido realizar um grupo de escoteiros, pois os problemas que tinha então para resolver eram de ordens várias. Mas, decorridos os primeiros dias, tal ideia passou de facto a ser uma obsecação. Depois de percorrer a cidade de Luanda em várias direcções, quis o acaso que me fosse possível fazer a entrega da *carta a Garcia*. Na montra de um estabelecimento comercial deparou-se-me um «Convite à juventude luandense» para ingressar no Grupo n.º 36 da A. E. P. Redigido em termos patrióticos, indicava as vantagens para os pais e respectivos filhos em se entregarem ao Escotismo. Ali estava também a indicação da sede do Grupo: Rua Guilherme Capelo, n.º 1-A.

Seriam cerca de dez horas da noite quando um feliz acaso me proporcionou aquela revelação e não sei já se foi a correr ou com calma que me dirigi àquela morada. Não fiquei decepcionado por se me deparar uma modesta garagem, escondida ao fundo de uma travessa escura, a que um portal, com o n.º 1-A, dava acesso, onde duas flores de lis, toscamente pintadas me garantiam ser ali a residência do tal «Garcia». A escuridão não me permitia fixar pormenores, mas o essencial estava conseguido. Voltei na tarde seguinte e na noite desse mesmo dia, ainda na outra tarde e na outra noite. Mas sinais de vida, nada. Escrevi então ao Chefe de Divisão Pescada (é nome de homem, que já foi brioso soldado do nosso Exército e que por cá ficou, como tantos, este servindo na Polícia de Segurança Pública). Voltei à sede do «36» todas as noites seguintes, mas não fui melhor sucedido. Veio o domingo e, tinha de ser..., cerca das dez horas lá fui mais uma vez e à entrada do portal com o n.º 1-A, estavam dois mastros, um com a bandeira nacional e outro com a bandeira verde, a ligar os dois um dístico de pano com os dizeres: *A. E. P.— Grupo n.º 36 — Diogo Cão*. Ao portal, um escoteiro de cor, orgulhoso na sua farda. Apresentei-me: — *Sou escoteiro. Passou bem?* — e duas mãos esquerdas se apertam enquanto cada um faz a respectiva saudação — a dele um pouco militarizada talvez para me impressionar bem. — *O Chefe está?* Resposta pronta: — *Não «sinhô», mas está ali ficou a tomar conta.* Apontou outro irmão de raça, sentado, que se exibia com ar de pose» para um «paisana» que o ouvia com devoção, admirado talvez da farda ou de tanto saber. Agradeci e percorri os 50 metros que nos separavam. À minha aproximação, levantou-se enèrgicamente e, em «sentido» correcto, aguardou que me aproximasse.

— O Chefe demora-se! — interroguei.

— Não «sinhô»: foi com outros ao exercício, não demora, vem já.

Estabeleceu-se diálogo. Pouco ou nada soube dizer acerca do Grupo, porque é aspirante. Entretanto, surge o primeiro escoteiro branco, este já sabendo dizer alguma coisa mais sobre escotismo. Foram chegando minuto a minuto outros escoteiros, uns brancos outros pretos, e conversa-se animadamente. Chegou então um guia de secção, já homem e de bigode. Mais atrás surgem três escoteiros, adultos, o mais alto de cabelos brancos — cerca de 50 anos. — Pensei: chefe, ajudante e... o Pescada. Feitas as apresentações iniciámos a conversa e momentos depois apresenta-se outro visitante — um elemento do 84 do Entroncamento, um simpático ferroviário prestando serviço militar em Angoia.

A angustiosa situação do grupo 36

Surgiram fotografias do Grupo e o chefe Alberto Rodrigues de Figueiredo, logo nas primeiras palavras, repassadas de mágoa, procura justificar a modesta sede e explica: — É um favor do saudoso sr. Vieira Machado, da Companhia Mineira do Lobito, a cedência deste barracão. Não tem quaisquer condições para sede, mas cá vamos vivendo. Alguns sarrafos estão deteriorados pela acção das chuvas e temos de os substituir — diz ele. E continua: — Antes das chuvas, teremos de colocar algumas telhas, pois de contrário nem nos poderemos reunir cá dentro. E' que a chuva normal aqui — exclama — é chuva «a cântaros» lá na Metrópole. Mas o que mais nos dói não é nossa pobreza, mas sim a indiferença dos Serviços Centrais da A. E. P. e, mais dolorosa ainda, a ignorância da nossa existência, que data de 23 de Abril de 1925. Tenho 39 anos de serviço e ajudei a fundar o 36. Ele existe porque, lutando através do tempo e da má vontade de certos homens, não desanimei. Tempos houve em que o Grupo teve escoteiros às centenas; hoje, em plena recuperação, temos duas patrulhas de escoteiros, a Leão e a Lobo; e uma de Caminheiros, a «Comandante Henrique Tenreiro». O Grupo foi fundador e sócio n.º 1 da Sociedade Angolana Protectora de Animais.

— Quando em 1951/52 estive em Lisboa, de licença como funcionário dos C. T. T. de que estou hoje reformado, trabalhei com o Chefe-Geral sr. Eng.º Nobre Santos. O Presidente da Associação era então o sr. Eng.º Jorge Jardim. Há dias, por intermédio do «Sempre Pronto», estabelecemos contacto com o Serviço de Material e Uniformes. — Tenho aqui o ofício que recebemos e a resposta que já demos — acrescentou o Pescada.

Olhei. Lá estava a inconfundível assinatura de mais um «carola», o amigo Ernesto C. Nascimento.

— Imagine — lamenta de novo o chefe Figueiredo — que não sabem da existência do Grupo em Luanda. Agora, que a acção dos invernos nos destruiu os nossos papéis, que os insectos, bem diferentes dos da Metrópole, se encarregaram de devorar os «salvados», que nos resta? Fundar uma associação angolana para sobreviver?

A pergunta do chefe Figueiredo era mais o reflexo do desespero do que manifestação de um desejo separatista. Procurei animar aqueles desesperados e desanimados Escoteiros de Portugal, fazendo compreender a situação difícil do Continente, em que são também os «carolas», sempre os mesmos, que mantêm a A. E. P. com vida.

Nova esperança

— Parar é morrer! — disse-lhes. — Continuem lutando pois quem está à frente da Associação procura com sinceridade o seu engrandecimento e a sua propagação às províncias ultramarinas ou, melhor, a todo o território nacional. Estou aqui de passagem, não sei por quanto tempo, venho de um Grupo que tem passado momentos áureos e crises de que tem conseguido sair. O «36» também sobreviverá. Pouco posso fazer. Sou um estranho, acabo de chegar e em breve tenho de partir não sei para que cidade da Província. Se aceitam a minha modesta colaboração, uma coisa lhes prometo: levantar o problema da existência do Grupo 36 através das colunas do «Sempre Pronto».

Aceite a oferta, ficou combinada uma reunião para breve num jardim público. Agradeceram e declararam que pretendiam apenas um ofício reconhecendo a existência do Grupo 36, em Luanda, e o contacto com a A. E. P.

— E' pedir muito? — perguntaram.

Claro que não é, especialmente para quem conseguiu perseverantemente chegar até hoje, com uma sede, um punhado de rapazes fardados que não envergonham os mais garbosos da Metrópole. Aqui fica a promessa cumprida. Tem a palavra a A. E. P., através dos Serviços Centrais.

Luanda, 6/6/1965

António Augusto da Silva e Cunha

N. da R. — Gostosamente acolhemos a carta do nosso dedicado amigo e colaborador. Parece-nos justo o apelo que chega de Luanda. No Funchal e em Moçambique, outros grupos e outros escoteiros esperam que do Continente lhes seja dado apoio. Não podemos ignorar a existência destes núcleos de Escoteiros de Portugal. Sobretudo na hora presente, o interesse do País está no reforço de todos os elos que possam unir o Continente às Províncias Ultramarinas. Desprezar os Grupos de Escoteiros, demais constituídos por africanos e continentais, parece-nos demasiado erro.

IMPRENSA ESCOTISTA

O Grupo n.º 4, dos Escoteiros de Portugal, com sede na cidade do Porto, acaba de editar o 1.º número do seu órgão oficial, o Boletim «Jaguar», uma excelente publicação feita em duplicador, com um vistoso cabeçalho impresso, e que se propõe sair todos os trimestres.

Saudamos, com muito aprazimento, este nosso novo colega, desejando-lhe uma longa vida ao serviço do escotismo, e aproveitamos o ensejo para felicitar vivamente os obreiros desta interessante realização.